

ENTREVISTA BROTERO I

<p>EU- Vamos então começar pela vossa apresentação.</p> <p>HE1 – Sou professor nesta escola há 16 anos, sou do departamento de construção civil. A minha formação é a licenciatura em engenharia civil e fiz uma pós-graduação em administração escolar na sequência de ter sido presidente do conselho directivo numa escola em Tábua.</p> <p>EU – Fizeste a pós graduação onde?</p> <p>HE1 – Em Aveiro.</p> <p>EU- E as disciplinas que dás, os anos?</p> <p>HE1- É uma área muito específica – a da construção civil –e inclusive recentemente com muito poucos alunos na escola – na escola e no País. Apesar de tudo na região centro somos a única escola que ainda tem construção civil. Esporadicamente dou a geometria descritiva, que habitualmente na escola fica também para o nosso departamento, quando não há mais nada a dar.</p> <p>HE2– Estou aqui nesta escola há cerca de doze anos, já fui assessor do conselho executivo, delegado de grupo, coordenador de departamento – onde está a biologia e a geologia, a física e a química. Sou do 4º grupo A, que é o da Física e Química. Sou licenciado em engenharia química e quando fiz o estágio tive que optar pelo 4ºA ou 4ºB e na altura fiz a opção pelo que me parecia que dava mais saída.</p> <p>HE1- Esqueci-me de dizer, se calhar é importante, ou não, mas sou o Presidente da Assembleia.</p> <p>EU- Muito importante! E tu, HE2, não tens funções neste momento?</p> <p>HE2- Neste momento não.</p> <p>EU- Mas foram-te buscar para a equipa de auto-avaliação...É uma função nova...</p> <p>HE2 – Aquilo foi quase um bocadinho à força. Eu era coordenador, portanto estava no CP e pertencia àquela secção da avaliação. Entretanto surgiu aquela formação que vieste dar; acho que havia pouca gente e a HD achou que pelo menos os que faziam parte da secção deviam fazer o curso. Daí que eu e a P....bem a P. não fazia parte do Pedagógico...</p> <p>HE1- Fui eu que falei com as pessoas...Eu e o A.</p> <p>EU- Pois, eu gostava de saber como é que vocês chegam à Oficina que fizemos o ano passado; como é que aparecem ali os quatro - se foi uma decisão individual, se foi por incentivo ou solicitação de alguém...</p> <p>HE2- Como disse, comigo foi a HD.</p> <p>HE1- Comigo foi o interesse pessoal, foi uma decisão minha. E por arrastamento terei convidado duas ou três pessoas, nomeadamente o A...Convidado isto é, disse que seria interessante... e como os dois temos uma certa afinidade – ele também esteve na Lousã...Portanto tenho um interesse pessoal pela avaliação de escolas.</p> <p>EU- Então e a P. também foste tu a convidar?</p> <p>HE1- Sim, acho que sim.</p>	<p>RSI</p> <p>IF</p> <p>IF</p> <p>IF</p> <p>IF</p>
--	--

EU- Terei que averiguar o que ela achou disso...	IF
HE2- O problema dela era essencialmente a falta de tempo. Ser orientadora de estágio roubava-lhe muito tempo.	IF
EU- Pois, esse era o problema de vocês todos. Mas conseguem explicar o porquê do interesse, tanto individual como da escola, por estas questões da auto-avaliação?	
HE1- O meu interesse não foi tanto por ser presidente da assembleia, mas porque de facto acho que é o caminho a seguir, a auto-regulação mesmo. E no fundo, na escola, a atitude tem sido mais ou menos construtiva. É preciso é aprofundá-la e levá-la a sério.	OI
EU- Já tinham estado envolvidos em processos de auto-avaliação, mesmo que mais restritos?	
HE1- Não, era uma coisa que nem se falava muito...	OI
HE2- Pois não. E as secções, foi também a HD que definiu a secção da avaliação interna...	OI
EU – No Projecto Educativo, que não tem data...o que está na Internet...	
HE1- Julgo que é de há 3 anos. Deveria ser agora revisto, e vai ser, mas pelo novo modelo.	CA
EU- Mas como dizia, no PE já está lá essa parte da avaliação interna. Mas o que parece é que reflecte o que já se fazia antes. Ora nesses processos vocês já participavam...	
HE1- Havia aqueles aspectos que eu chamo administrativos, aquela recolha de dados sobre retenção, abandono, a comparação com as provas nacionais...Mas não havia relação com a regulação de funcionamento da escola.	CA
EU- Então e nos departamentos, não tinham processos de auto-regulação?	
HE1- O meu departamento é muito particular. Somos 6 professores e no contexto desta escola, em que somos cerca de 300, o meu departamento é de facto o mais pequeno deles todos e é muito particular, assim mesmo entendido na escola. Não houve nunca assim um interesse por estas questões. Em termos de formação também, ou há um gosto, e eu tive-o muito pelas ciências da educação, ou as pessoas passam à margem disto...	CA
EU- Mas se calhar, como é um grupo pequeno, ajustam-se naturalmente conversando uns com os outros e vão ajudando a tomar as decisões...	
HE1- Mesmo em termos de planificação, não, porque cada professor dá a sua disciplina e portanto tudo acaba por ser em trabalho individual.	CA
HE2- O meu departamento é muito vasto e trabalhamos por secções – de disciplina e ano. E é muito difícil haver troca de impressões entre secções. Estanque. E em termos de análise de resultados era sempre a mesma coisa – repetia-se sempre para as actas “Já está analisado, já está nas actas”...De maneira que eu levava pouco para os Conselhos Pedagógicos e a Presidente até achava que não devia ser assim, que devia ser feita uma análise diferente, mas eu nunca consegui. Diziam sempre que lessem as actas dos Conselhos de turma, que estavam lá as justificações e as remediações. As pessoas nunca perceberam que o que se pretendia ali era uma coisa mais vasta, que todos se debruçassem sobre as causas(do insucesso) da biologia e da geologia, que não se deveriam só aos conteúdos, não é? Mas isso era muito difícil. Havia sempre uma luta muito grande para...	CA

EU- Então podemos deduzir que os professores faziam o que queriam? Que não havia regulação?	
HE2- Não, havia, porque os professores elaboravam as suas actas, percebes, os seus relatórios, só que aquilo era muito fechado, muito estanque. Cada grupo sabia bem de si...	CA
EU- Esta organização em departamentos não funcionou muito bem, pois não?	
HE2 – Não. Era muito grande. Mesmo entre a física e a química sempre foi uma para um lado, outra para o outro. De maneira que quando eu cheguei aqui já estava instituído quem dava a química era o 4ºB; a física era do 4ºA. E aquilo era intocável!	CA
EU- Mas não estava formalizada essa distribuição, ou estava?	
HE2- Não, porque eu fui ao RI e as coisas não estavam lá claras. Era informal, mas criou-se uma espécie de um feudo. Era difícil entrarmos no laboratório de química, porque elas tinham lá as suas coisas, as suas regras...A própria funcionária que trabalhava com eles também já estava mentalizada. Era complicado. De maneira que as pessoas acabaram mesmo por se dividir. Pronto: 4ºA para um lado, 4ºB para o outro.	CA
HE1- Eu ia dizer uma coisa – pode parecer estranho, e é, haver um departamento como o de construção civil que tem 6 professores, no Pedagógico, e haver um departamento como o vosso com quarenta e tal professores...Isto já espelha se calhar algum desequilíbrio de forças no próprio Pedagógico que aprova isto assim...Não sei, mas não faz muito sentido haver um departamento com 6 pessoas e outro com 40.	CG
EU- E como é que tu interpretas isso?	
HE1- Eu interpreto isso como um equilíbrio ou desequilíbrio de forças dentro do Pedagógico, de algumas influências que existem em qualquer escola...Por exemplo entender-se que há semelhanças entre a física e a química, mas que já não há entre a engenharia civil e a engenharia mecânica...	CG
EU- Portanto os engenheiros civis e mecânicos têm mais poder...	
HE1- São mais autónomos. Se calhar também pela história da escola que foi escola técnica...	
EU- Deixem-me só fazer um parêntesis – a ti (HE2) também te tratam por Sr. Engenheiro?	CG
HE2 – É muito raro. Na secretaria tratam...	
EU- Então uns são engenheiros outros são professores...	
HE1- E têm estatuto! Já agora deixa-me contar esta história. No ano que cá cheguei um funcionário chamou-me Dr HE1; uma colega logo disse “não é doutor, é engenheiro” e ele logo “desculpe sr. Engenheiro!” Esta história ficou-me de há 16 anos. Mas ainda hoje assim é. Engenheiro, julgo eu, é um bocadinho mais do que doutor.	CA/ CG
EU- A senhora Presidente também é engenheira. Em...	
HE1- Engenharia electrotécnica.	CG
EU- Voltando à formação, sentem que aquele trabalho na Oficina trouxe alguma mudança na vossa forma de pensar sobre estas coisas da auto-avaliação?	
HE1- A nível individual ou a nível de escola?	

EU – A tua, mas evidentemente contextualizando na Escola, no que tu conheces.	IF
HE1- A ideia da Oficina foi exactamente poder participar na melhoria da escola, mas eu julgo que na escola não houve melhorias nenhuma, não se fez sentir nada. É que a Escola vive muito... - o Zé António está a pôr a tónica numa coisa que para mim sempre assim foi - há um bocado de grupos, de equilíbrios... Eu tenho a noção, não sei se é verdade se é mentira, mas tu estavas no Pedagógico, poderás dizer, que mesmo as pessoas que estavam a fazer aquela formação eram umas pessoas à parte...Não sei, não estava lá, mas é a minha mania de tentar perceber as coisas nas entrelinhas. Portanto não houve melhorias na sequência da formação...	IF
EU- E tu o que pensas, HE2?	
HE2 – Também. Bom, estamos ainda numa fase de análise de resultados...Eu creio que só depois dos relatórios é que se pode começar a pensar em melhorias...	RA
HE1- Mas a pergunta da Graça era se aquela Oficina contribuiu para isso e a ideia que tenho é que não. Aliás o dispositivo foi muitas vezes criticado por mim, porque se entra num modelo que vem ???, quando nós não quereríamos seguir esse modelo. Ele é aplicado como um modelo a seguir, porque a Presidente do Conselho Executivo e do Pedagógico considera ser o mais ajustável à avaliação externa; foi todo construído com base na avaliação externa.	IO
HE2- O que nós produzimos foi posto de parte. Viram, acharam muita graça, mas foi posto de lado.	IF
EU- Vocês trabalharam sobretudo o aspecto dos alunos. O que fizeram com o que construíram?	
Jl- Nada. Morreu ali.	IF
EU- Mas vocês apresentaram o que fizeram a alguém?	
HE2- Sim, apresentámos ao Pedagógico. E foi convidada ali a Infanta...	IF
HE1- Convidámos as outras duas escolas da Oficina que vieram apresentar também o seu trabalho.	IF
HE2 – Ouviram, mas acharam que não era relevante...	IF
EU- Portanto estavam noutra lógica, não era?	
HE2- Era. Já tinham as coisas todas definidas...	IO
EU- Ah! Então enquanto vocês andavam na formação, já estava constituído um grupo que trabalhava paralelamente.	IE
HE2- Sim os quatro grupos dos 4 domínios já estavam. Tanto que quando nós acabámos, eu fico sozinho e a Presidente diz “Vais-te integrar num”. Não fiz parte da construção dos inquéritos...Acabei por ir para o domínio 2.	IE
EU- Então são 4 grupos e não um? Trabalham separadamente?	IE
HE2- Sim, cada um constrói os seus instrumentos, embora alguns inquéritos sejam comuns para determinados públicos.	IE
EU- Então mas existe um organigrama global de toda a estrutura do dispositivo?	

HE2- Não tenho aqui, mas existe; a HD tem.	ID
HE1- Não sei. Cheguei este ano ao Pedagógico e não o conheço.	II
JI- Não, logo para fazer a divulgação e para as pessoas saberem que iam ser chamadas a responder aos inquéritos, os coordenadores receberam um powerpoint onde está precisamente o organigrama.	II
HE1- Bom, também existem por aí umas bolinhas a antecipar, a anunciar à escola que existia um período para o preenchimento desses instrumentos.	II
JI- Pois, que os professores iam ser inquiridos que os coordenadores de curso iam ser inquiridos, os coordenadores, os professores...teve momentos em que se foram fazendo esses ciclos e era para ir chamando a atenção.	ID
EU- Com certeza que têm uma coordenação entre os 4 grupos...	
JI- Existe coordenação em termos de utilizar as mesmas escalas, utilizar a mesma linguagem... mas com muita dificuldade. Estás a ver, vários grupos já com os inquéritos feitos, começarem agora a ler os inquéritos uns dos outros, a apresentarem as suas dúvidas e a tentar encontrar aspectos comuns...Foram horas e horas e horas e chegámos à conclusão que tínhamos de fazer confiança uns nos outros e avançar. Era impossível!	IE
HE1- Aliás um dos grupos segue um modelo que andou aí a circular, a CAF, não é?	
	IO
JI- Sim, um grupo seguiu esse modelo.	
	IO
EU- Portanto, será uma equipa, sub-dividida em 4 grupos, que trabalham a partir da estrutura do modelo da avaliação externa...	
JI- Da inspecção, sim.	IO
EU- Fizeram questionários...e estão agora na fase da análise de dados, é?	
JI- Sim.	RD
EU- Está prevista a apresentação e divulgação de dados?	
HE1- Sim, num dos próximos Pedagógicos.	RD
JI- Cada grupo faz o seu relatório e vai apresentá-lo.	
	RD
EU- Com certeza ouviram os alunos; então e não aproveitaram nada do que vocês fizeram?	
JI- Não, porque os grupos estavam a trabalhar paralelamente.	IE
EU- Então e o que achaste? Já passaram por ti, já respondeste...	
HE1- Sim, passou relativamente...como professor e coordenador...Sim, como coordenador levava 6 inquéritos, cada um de nós preencheu 2 diferentes...Não respondíamos a todos os domínios...	ID
JI – Pois não, eu respondi no domínio 3.	
	ID
EU- E o que é que vocês acham, apreciando a forma como a escola está a desenvolver isso?	

<p>HE1- Eu acho que isto reproduz a herança da escola, francamente. É uma escola muito grande, que para funcionar, no meu ideal não será assim, mas a prática conduz a que seja assim. São grupos, porque sabemos que não é fácil trabalhar muita gente; cada um destes 4 domínios tem 3 ou 4 pessoas, portanto estarão 16 ou 12 envolvidas.</p>	CG/IE
<p>JI- Pois até isso aconteceu. Éramos 4, mas quando a Lurdes Rocha foi eleita coordenadora de avaliação – para aquela comissão de avaliação – deslocou-se e havia ainda outro elemento que foi trabalhar para o GAVE, de maneira que fiquei eu a Helena Dias da Silva. Mas é uma pessoa com muito empenho...ainda ontem estivemos a trabalhar...a ver os gráficos, para depois partirmos para o relatório.</p>	IE
<p>EU- Então, mas apesar de tudo acreditam que isto pode mudar alguma coisa?</p>	
<p>JI- Sim, porque conseguiu-se. As pessoas confundiam e algumas julgavam que os inquéritos eram por causa da avaliação dos professores...Foi num período complicado...</p>	II
<p>HE1- Pois, isso foi analisado no Pedagógico e aquela divulgação foi para desligar uma coisa da outra, porque ouvíamos dizer que já seria uma tentativa...Então foi preciso dizer “não, isto é nosso, não tem nada a ver com a avaliação de professores”.</p>	II/ CAD
<p>JI- Mas conseguiu-se passar a mensagem de que estávamos a auto-avaliarmo-nos para nos prepararmos para, nesse sentido de que quando as coisas chegassem já estarmos mais ou menos preparados.</p>	OJ/ CAE
<p>EU- Quando as coisas chegassem...</p>	
<p>JI- A vinda da avaliação externa.</p>	
<p>EU- Mas a mim parecia-me que a escola não estava muito virada para a pedir...</p>	OJ/ CAE
<p>HE1- Pedir, acho que ainda não pediu...</p>	
<p>JI- Chegou ontem uma informação...A perguntar para este ano...Mas nós vamos entrar em obras...Há pessoas que acham que é melhor entrar já, mas há outras que acham que não...A HD andou a perguntar aos vários domínios...</p>	CAE
<p>EU- E vocês o que acham? Quais serão as vantagens da avaliação externa?</p>	
<p>HE1- Eu não reconheço de momento nenhuma, a não ser a assinatura de um contrato de autonomia que também não sei o poderá ser neste novo modelo de gestão, de resto...Não sei, eu acho que é muito mais importante a auto-avaliação, conscientemente feita, isto é, que as pessoas sintam necessidade de a fazer, independentemente da avaliação externa. Que dizer, para mim não é importante saber a comparação com outras escolas.</p>	CAE/ PR
<p>JI- Eu acho que as pessoas mudam um bocadinho a sua maneira de pensar, de encarar as coisas, quando sentem que vem qualquer coisa. Quer dizer, quando virem que estão pessoas do exterior a avaliar vão ver que o que se andou aí a fazer não foi só para ...vão dar mais valor.</p>	CAE/ PR
<p>EU- Vocês referiram que houve pessoas que não concordavam com isto da avaliação interna, porque isso já lhes cheirava a antecipar qualquer coisa, não é?</p>	
<p>JI- Houve gente que até teve atitudes realmente um bocadinho incorrectas- rasgaram os inquéritos, riscaram os inquéritos...Houve coordenadores que fizeram participação...</p>	CAD II

EU- Mas participação das pessoas? Os inquéritos não eram anónimos?	
JI- Sim, mas os coordenadores recebiam os envelopes com dois inquéritos e esses foram entregá-los ao Conselho Executivo. Depois não sei...	CAD II
HE1- Foram só dois ou três...De qualquer maneira houve e é significativo...Representa um momento vivido.	CAD II
JI- Sim, foi naquele período quente e as pessoas relacionaram com a avaliação de professores e acharam que era uma maneira de protestarem...Mas claro que foi uma agressão, uma falta de respeito.	II/ CAD
EU- Bom, a Escola usou a estratégia de fazer diferenciar e de fazer crer que a avaliação interna nada tinha a ver com avaliação de professores. Mas vocês já pensaram que não é bem assim?	
JI- Pois, de facto isto está tudo ligado...	CAD
EU- A avaliação dos professores não poderá ser de uma maneira ou de outra dependente da avaliação interna que tem pensada para si própria?	
HE1- Aliás, tem que ser, porque um dos parâmetros liga ao Projecto Educativo. Um dos instrumentos tem que ter por base o Projecto Educativo e o que a escola quer. Tem que conhecer-se para produzir isso. Mas eu julgo que aqui o efeito foi outro...	CAD
EU- Do que tenho constatado pelos documentos na Internet e até pela maior dificuldade de acesso ao grupo e aos órgãos de gestão, fiquei com a ideia de que a escola tem uma identidade muito vincada, como se soubesse exactamente para onde quer ir e nada mais lhe interessasse. Portanto nisto da avaliação interna não haverá muita fé que possa alterar alguma coisa. Concordam com isto?	
JI- Concordo, inteiramente.	
HE1- Sim, sabe o que quer, mas pode nem ser o melhor caminho e há vozes discordantes em muita coisa cá dentro. Inclusivamente tem que ir a Conselho Pedagógico – se quisermos ir por esse caminho, nomeadamente no reforço dos cursos profissionais...Começam a aparecer aqui vozes dissonantes entre uma escola, digamos, mais clássica, dentro do prosseguimento de estudos, e esta via do profissional - devemos ter aí cerca de 50% dos cursos. Mas querem as vozes mais audíveis, porque há muita discordância cá dentro.	CA
EU- Essa era uma pergunta que queria fazer – nessas decisões mais globais de política de escola, por exemplo nas ofertas curriculares – com que dados é que jogam para decidir isto ou aquilo?	
JI- Com os professores que tem e com as instalações.	
HE1- São condições legais, não é? Mas também é a tradição da escola – a administração, a construção civil, as artes ligadas aos têxteis...Pode-se mudar quando aparecem estes cursos novos, porque a escola está também muito sensível às novas tecnologias – temos por exemplo cursos de refrigeração, de climatização, de robótica...Na construção civil temos esse problema, é que não há inovação, mas o problema não é da escola, é do país.	CA CA
EU- Então a oferta vai-se mantendo, ditada pelos recursos, mas esse esforço de actualização e inovação é responsabilidade de quem?	
HE1- Dos professores.	

EU- Então não há nada fora da escola, em termos de pais por exemplo, que regule também esse aspecto...	CA
HE1- Eu quero dizer uma coisa que para mim é importante. No estatuto de professor, parece que ele não pode fazer mais nada na vida. Para mim é um erro estratégico impedir que pessoas que são potencialmente activas noutra profissão sejam professores. Falando de inovação, é claro que alguns de nós lá fora fazemos outras coisas que das empresas trazemos para a escola. Digamos que é um erro de estratégia nacional. Claro que alguns professores estarão mais limitados...Mas nos profissionais isto é importante...	CA/ PR
JI- E isso vê-se nos estágios. Os nossos alunos são considerados bons e ficam.	
EU- A escola tem dados sobre esse encaminhamento dos alunos?	CA
HE1- Esse era um dos aspectos que nós queríamos trabalhar...	CA
EU- Eu sei. Mas a escola tem outros mecanismos para recolher esses dados? O que o Zé António diz é uma impressão, certamente verdadeira, mas conseguem provar a empregabilidade dos vossos cursos?	CA
JI- Sim, o Coordenador do Centro Novas Oportunidades terá. Acho que deve ser um dos dados que têm de apresentar para justificar a abertura dos cursos...	
HE1- À partida têm que existir protocolos com empresas...E temos uma bolsa de empresas que sistematicamente fazem protocolos connosco.	CA
EU- Portanto a regulação também é feita do exterior, pelo tipo de mercado de trabalho, mas também pela inovação que entra através das outras experiências dos professores.	CA
HE1- Sim, e é um erro de política educativa não facilitar isso.	CA/ PR
EU- Vou pegar naquele aspecto de há pouco, da identidade vincada da escola, para a cruzar com uma fragmentação também muito vincada que se vê, por exemplo, no modo como a escola assume a sua auto-regulação no Projecto Educativo e também no que vocês aqui disseram. Como é que isto se traduz na imagem de qualidade que transmitem?	
HE1- Nós temos essa pretensão pelo retorno que temos. Do retorno da imprensa, por exemplo – há tempos chamaram-nos a “universidade do Calhabé”. Mas é claro que é pelo que vamos ouvindo, se calhar estamos atrasados no documentar das coisas...Com o quadro estável de professores, digamos que isto é uma cultura de tradição, do irmos passando uns aos outros...	CA
EU- Mas gostaria de perceber qual é o cimento, o que é que faz o todo...	
HE1- Se calhar isto é uma família, que quando está a falar para o exterior se une; que tem as suas diferenças, mas que quando é para enfrentar outra família se une.	CA
EU- Mas enfrentar outra família não é coisa que vos preocupe. Já disseste que a questão do comparar não é importante.	
HE1- Sim, mas queremos ser uma boa escola...	
JI- E somos uma boa escola. Enquanto as outras baixaram o número de alunos, nós temos aumentado. Foi preciso ir buscar imensa gente – da escola D. Dinis vieram 18 professores. Não há horários zero!	CA

HE1- Sim, e no grupo da auto-avaliação estão alguns que vieram de lá. E se vieram porque lá não havia alunos, precisamos perguntar porque escolheram esta e não outra. Quero acreditar que esta era a escola que lhes dizia mais...E trouxeram um bom contributo...	CQ
Jl- Sim, cerca de 50% dos professores são novos. Esta renovação também é interessante.	CQ
HE1- O termos mais alunos e professores também se liga com esta coisa do CNO. Em Janeiro entraram cerca de 60 professores novos, que a maioria ainda não conhece, dão aulas à noite...	CQ
EU- E estão integrados nos departamentos?	CG
HE1- Estão, mas os coordenadores ainda não os conhecem...Isto tem coisas que são perfeitas idiotices. Por exemplo, um professor pode dar 22 horas, mas só pode fazer um contrato de 11, isto é, tens professores nesta escola que têm dois contratos de 11 horas...	CG
EU- OK, vamos deixar os colegas professores e vamos aos alunos. Tendo a escola essa imagem de qualidade e sendo muito procurada por alunos...	
HE1- Deixa-me interromper. É procurada por alunos, mas fundamentalmente da via profissional. Nós não queremos concorrer entre aspas com o D. Maria, de maneira nenhuma! Nós sabemos que o nosso público-alvo é da periferia e que quer fazer um curso de formação profissional, que quer ir trabalhar. Independentemente de termos dezanoves que vão para Medicina, a nossa massa é diferente. É desses que estamos a falar; os outros, para mim, são uma remanescência.	CA
EU- Mas os alunos podem ajudar a melhorar a escola? A voz deles é importante?	
HE1- Por mim pode, e para mim é a principal, agora se é ouvida ou não, não sei. Quer dizer, acho que não queremos uma boa escola para ter 20 valores; o que queremos é que os alunos sejam bons profissionais, o que queremos é ser reconhecidos pelos empregadores que os querem lá. Porque aqui temos que dizer uma coisa – nós aqui sentimos que há duas escolas: a escola do lado cá e a escola do lado de lá e que as obras têm que intervir nisso...	CQ
EU- Desculpa, mas tens de explicar melhor isso!	
HE1- Como já dissemos, há os alunos de prosseguimento de estudos que vão para o ensino superior e há outros que vão trabalhar. Portanto há uma parte oficial e há uma parte mais... vou-lhe chamar académica. E isso há muitos anos fazia sentido, mas agora tem-se esbatido, embora haja a predominância do profissional.	CA
Jl- E por imposição do próprio Pedagógico, acabou-se com aqueles horários de só dar um nível. Todos nós agora temos que dar profissionais. Agora ninguém pode dizer “Não senhor, não vou dar profissionais, porque nem gosto desse tipo de alunos”. É a realidade, temos que nos adaptar. Os professores que vieram da Sísifo deram esse exemplo, foram dar profissionais e têm feito um belíssimo trabalho. Já estavam habituados...	CG
EU- Desculpem, mas em relação aos alunos, a mim parece-me que vocês os olham de uma outra maneira, que lhes concedem um outro estatuto – não de miúdos, mas de adultos...Estou enganada?	
Jl- Não, não estás. Até porque a própria orgânica dos cursos profissionais obriga a isso- tem os coordenadores de curso, tem as reuniões semanais...	
HE1- Então eu vou dar a minha experiência. Eu sempre trabalhei com os tecnológicos e agora vamos ver se temos também um profissional, mas houve um tempo em que dava a geometria descritiva	CA

<p>para os de prosseguimento de estudos, e a verdade é que os alunos são diferentes – porque uns chegam cá com um percurso familiar que conhecemos, infelizmente ou não, não vamos falar dessa questão social agora...mas quem vem para cá...os alunos do profissional têm média de 19 anos, os alunos que chegam ao 10ºano de prosseguimento de estudos têm 15, são de facto infantis, não podem ser adultos, jamais considerados tal por mim...</p> <p>EU- É uma questão de idade também...</p> <p>HE1-É mesmo uma questão de idade, têm experiências diferentes, são pessoas diferentes...</p>	CA
<p>EU- Mas isso terá tendência a alterar-se se os cursos profissionais conseguirem ter outra imagem...</p> <p>HE1- Eu julgo que a curto prazo não. Alguns de nós, conhecendo como são os portugueses numa cidade como Coimbra, nós temos dúvida se não vamos por esta via matar os cursos profissionais, porque nós continuamos a achar que grande parte da população quer um filho no ensino superior e enquanto os tecnológicos estavam na fronteira e permitiam uma via ou a outra, agora quase que ostensivamente o curso profissional é para ir trabalhar, apesar de também sabermos que dá acesso ao ensino superior, mas a ideia para as famílias não sei se vai passar e se não vai mesmo matar os cursos profissionais. Há quem discuta isso aqui.</p> <p>JI- Essa questão põe-se em termos de procura.</p>	CA
<p>HE1- Sim, porque em termos de oferta, temos mais profissionais do que os outros.</p> <p>EU- Pela linguagem do Projecto Educativo e pelas características da escola fica a ideia de que estas questões da qualidade coladas aos conceitos de eficácia e eficiência já eram familiares aqui. É verdade ou sentem alguma lógica diferente com esta pressão para os resultados?</p> <p>HE1- Eu acho que não é só uma questão de linguagem no Projecto Educativo. Penso que estará ligado com o facto de quem tem estado nos órgãos de gestão nos últimos anos, mais ligados à parte tecnológica, digamos assim, em que este vocabulário será normal, mas não sei, não quero responder a isso...</p>	PR
<p>JI- Eu concordo com ele. Quem está no Conselho Executivo lutou pelos cursos profissionais, pelas novas oportunidades...</p> <p>EU- Quando se encontram com colegas de outras escolas, sentem-se diferentes? Encontram-se com outros não é?</p> <p>HE1- Encontramos, mas cada vez menos...</p>	CE
<p>JI- Não é significativo...Muitas vezes outros colegas telefonam para saber sobre alguns assuntos, sobre as nossas ideias...do JF, do Atena...Se ouvem a nossa opinião é porque a acham válida...</p> <p>EU- Eu não falava da questão profissional de poderem ser desconsiderados, pelo contrário...Era a questão de eventualmente terem visões diferentes sobre a escola...</p> <p>JI- Eu acho e é o que ouço dizer, é que a escola tem bons profissionais.</p> <p>EU- Precisamente. Estamos na qualidade. Mas com base em quê? O que vos faz diferentes?</p> <p>JI- Se calhar porque os alunos gostam, porque nunca pedem transferências...porque nos visitam e dizem que têm saudades da escola, que os marcou para a vida...</p>	CG
	CG
	CQ
	CQ
	CQ
	CQ
	CQ
	CQ
	CQ

EU- Mas apetece-me perguntar outra vez – o que é que faz a escola diferente?	CQ
HE1- Bem, eu sugeria que passasse um mês cá!	
EU- Está bem, até posso vir cá fazer uma observação etnográfica, mas agora quero é saber a vossa percepção!	
JI- Se calhar é o espírito com que se trabalha, o espírito de grupo...O certo é que os próprios professores gostam e querem continuar...É uma escola em que não há muita pressão em termos de Executivo...As coisas estão definidas...	CQ/ CG
HE1- Quando cá cheguei há 16 anos fiquei com a sensação que esta escola não precisava de órgãos de gestão, que funcionava sozinha.	CG
JI- É verdade! Acaba por haver muito rigor, em termos de cumprimento de horário, da componente não lectiva...temos pouco funcionários, mas realmente tudo funciona. O que sinto é que as pessoas são cumpridoras e não precisam de estar a fugir às suas responsabilidades...Não sei, está instituído isso de se ser cumpridor...	CG
EU- Muito bem! Então agora para terminar eu gostava que me falassem das vossas expectativas, focalizando a questão da avaliação interna. Vocês acham que pode fazer alguma diferença?	
HE1- Eu acho que a auto-avaliação deveria fazer alguma diferença, agora esta escola em particular viveria bem sem ela, por tudo o que dissemos para trás... pela estabilidade do corpo...	II/ PR
EU- Então para que a queres?	PR
HE1- Porque há coisas a melhorar. Há uma série de coisas de que discordo e que faria de outra maneira. E se há algumas que vou dizendo, outras não me atrevo assim individualmente. Não vou dizer aqui nenhuma, mas há muitas que sou contra. Sou contra a imposição do que quer que seja e se formos a falar do novo modelo de gestão e da figura do director, acho que temos de preparar-nos para o que o futuro venha a trazer. Acho que a auto-avaliação pode trazer a consciência do que nós próprios podemos mudar...	PR
EU- Mesmo correndo o risco de instalar alguma pressão...	PR
HE1- Eu acho que se as coisas emanarem, não há pressão...	PR
JI- Eu acho que sim, que pode ajudar a melhorar. E o processo já está instalado...	PR
EU- Por mim, estou satisfeita, mas querem dizer mais alguma coisa?	
HE1- Eu acho que houve uma coisa que não dissemos – é que esta escola vive muito do investimento pessoal de algumas das pessoas...	CG
JI- Sim, há pessoas com uma personalidade bem vincada.	CG
HE1- Há ainda o facto de ser uma escola de referência do ensino bilingue, o que é também uma mais-valia e que nos traz alunos de toda a região centro. Complica tudo mais um bocadinho, na questão dos horários, por exemplo, mas é uma mais-valia. Nos cursos profissionais pomos isso em rodapé.	CQ